

## **Memória como gancho jornalístico: uma análise da revista *Trip* em edições especiais<sup>1</sup>**

Maria Raimunda dos SANTOS<sup>2</sup>  
Frederico de Mello Brandão TAVARES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

A memória é um fenômeno que se dá pela ordem da experiência e é construída social, política e culturalmente. Por isso, ela é alvo de disputa de narrativa e representação, sobretudo pela mídia, que media nossas experiências, pautando, organizando e enquadrando nossas ações no mundo. À luz dessas observações, este artigo visa compreender como a revista mensal brasileira *Trip*, ao conceber uma edição especial voltada para a questão da memória, constrói discursivamente uma identidade social e uma memória coletiva para seus leitores. Percebe-se que a publicação tenta fugir, sem sucesso, de uma memória nostálgica e a utiliza como gancho para se reafirmar, paradoxalmente, como produto jornalístico diverso e de vanguarda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Identidade Social; Memória Coletiva; Revista *TRIP*; Jornalismo.

### **1. INTRODUÇÃO**

No senso comum, quando falamos em memória, o que vem em mente são recordações do que aconteceu em nossas vidas: o primeiro dia na escola, os finais de semana na casa dos avós, o desenho preferido na infância, o primeiro beijo. Tudo isso nos remonta enquanto seres humanos, capazes de guardar e assimilar memórias, e enquanto aquilo que somos, ou seja, à nossa identidade, pois as experiências e a forma como nos lembramos delas também revela nossas ações como sujeitos no mundo. Assim, ao utilizar a memória para trazer à tona os acontecimentos pessoais, conseqüentemente, somos atravessados pela memória coletiva e midiática, pois, na contemporaneidade, tudo o que acontece em nossas vidas está atravessado por um determinado espaço e contexto. A presença da mídia, nesse sentido, contribui para registrar e dar sentido aos acontecimentos, sejam individuais ou coletivos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ06 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e bolsista de iniciação científica PIBIC-Af/CNPq. Contato: [mariarsantos@gmail.com](mailto:mariarsantos@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Contato: [fredtavares.ufop@gmail.com](mailto:fredtavares.ufop@gmail.com)

---

A memória é mais do que uma simples recordação. Trata-se de um fenômeno ininterrupto que se dá em âmbito social, político e cultural baseado nas experiências e no contexto em que vivemos. Além disso, a memória é um relato interessado e que parte das subjetividades de cada um. Isso quer dizer que, quando verbalizada e apresentada, falamos sobre ela a partir daquilo que nos concerne e importa. Nesse sentido, a memória é uma narrativa contínua ao longo do tempo e é constantemente usada pela mídia para criar “memórias oficiais”, organizando e atualizando os acontecimentos<sup>4</sup>.

As memórias ditas “oficiais” são aquelas que se alinham à perspectiva dos segmentos que historicamente são conhecidos como vencedores, como por exemplo o capitalismo e a mídia. De acordo com Barbosa (2017), a mídia institucionaliza a memória por conseguir resgatar, atualizar, narrar e integralizar sentidos, ou seja, completa e constrói pontos de vista acerca do passado-presente-futuro.

Ao integralizar e produzir sentidos, evocando o passado e atualizando-o com os olhos do presente, a mídia cria não só uma memória individual, mas também coletiva. Segundo Pollak (1992), a memória é um fenômeno complexo e concebido através de acontecimentos “vividos pessoalmente” e/ou “vividos por tabela”. Ou seja, tudo que experienciamos está ligado a um sentimento de pertencimento a um grupo ou a uma coletividade, e os acontecimentos nesse grupo acabam nos afetando, mesmo que não os tenhamos vivenciado direta ou completamente. Assim, “*a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência*” (POLLAK, 1992, p. 204, grifos do autor).

Nesse sentido, a nossa identidade social também depende da identidade do Outro. Não há construção da própria imagem sem as interferências de outros sujeitos, que contribuem, em maior ou menor grau, para nossa formação identitária e social. Com a memória isso também ocorre, pois as nossas lembranças são atravessadas pelas memórias de outras pessoas que estão inseridas no mesmo grupo social.

As memórias individuais e coletivas se complementam, no entanto, nem sempre a construção dessas memórias se dá forma pacífica. Ela é alvo de negociações e disputas de narrativas entre grupos diversos como, por exemplo, a mídia e os grupos políticos. Sendo assim,

---

<sup>4</sup> O acontecimento segundo Quéré (2005, p.61) “não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afeta alguém, de uma maneira ou de outra, e suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas. É porque ele acontece a alguém que ele se torna.”

essa construção e acionamento da memória coletiva realizada, por exemplo, pela mídia faz com que ela imprima sua posição editorial, seus preceitos e seu direcionamento mercadológico para o público a que se destina.

Um elemento que contribui para criar sentidos na construção dessa memória coletiva e sentimento de identidade social é o gancho jornalístico<sup>5</sup>, um jargão utilizado no jornalismo, compreendido como um recurso para atualizar questões anteriores, embasando e justificando um texto. Ele é uma referência para se tratar de um assunto e não tem, necessariamente, um compromisso com a factualidade, com um acontecimento. O gancho jornalístico, entretanto, é um recurso que faz com que temas de temporalidades diversas possam ser atualizados, lidos sob a luz de um “presente que interessa”, um presente reconhecido como “novo” e que, por isso, está atrelado também a uma escolha editorial e aos preceitos do veículo que produz o conteúdo.

Tendo como objeto a edição 172 da revista *Trip*, com a temática voltada para a memória, na intenção de “mostrar a memória não como refúgio nostálgico, mas como manifestação viva deste mundo interdependente” (TRIP, 2008, p. 111), esse artigo busca entender, por meio da análise discursiva do editorial e das matérias, a maneira como a revista usa a memória na construção de sentidos sobre os acontecimentos, na afirmação de seus preceitos e na formação de uma memória midiática hegemônica.



Figura 1: Capa da edição 172. Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/revista/trip/172>

<sup>5</sup> Segundo Bueno e Arraes (2012, p.1) o gancho jornalístico é “o enfoque determinante que justifica e sustenta qualquer texto no jornalismo, nos mais diversos formatos ou suportes, resume-se a uma escolha. Mas uma escolha certa, porque precisa representar a parte mais importante de todas as anotações, o viés principal e indiscutível na hierarquia de acontecimentos.”

Para auxiliar na análise do objeto, serão utilizados autores como Pollak (1992), que trabalha os conceitos de Memória e Identidade Social, Halbwachs (1992) com o conceito de Memória Coletiva, Schwaab e Tavares (2009), conceituando o Tema como referente do jornalismo de revista, entre outros<sup>6</sup>.

## 2. A TEMÁTICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A revista, por possuir um ritmo de produção e uma lógica diferente do jornalismo diário, possibilita um distanciamento dos fatos, uma linguagem singular e uma maior reflexão sobre os acontecimentos. Diferentemente da notícia que tem a pauta como base para sua produção, a revista comumente é norteada por um tema. O tema é um universo de possibilidades que suscita a complexificação de um fato, que não necessariamente está relacionado com a factualidade, com o “quente” dos acontecimentos, mas se conecta com uma certa atualidade do assunto.

O tema em revista funciona não só como um “norte” para as matérias no interior da publicação, ele também constrói sentidos e nos permite identificar os eixos editoriais escolhidos e a realidade na qual seus leitores estão inseridos, pois é importante que o “público-alvo” se identifique de alguma forma e se interesse pela temática.

Os temas podem ser vistos não apenas como conteúdos determinados por certas rotinas produtivas e de consumo, mas também como elementos de processos de extração midiática onde aspectos culturais e campos sociais se entrecruzam. Ao falar para um certo público e com ele criar uma certa “relação”, a revista tenta “esgotar” uma temática e “tratar” a realidade de outra forma. Algo que no texto do jornalismo traz implicações discursivas e editoriais, e sugere um fazer jornalístico complexo, que possui operações próprias. (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p.184).

Assim, entender os temas propostos por uma revista pode revelar muito sobre seu perfil editorial e mercadológico. A revista *Trip*, há 30 anos no mercado, se ancora em temas para se afirmar como moderna e diversa. A revista, lança mensalmente publicações que seguem um norte editorial sob um viés de diversidade (como conceito contemporâneo) e aborda temas como a educação, o trabalho, a liberdade, o saber, a biosfera, a conexão, entre outros.

---

<sup>6</sup> A pesquisa aqui apresentada está vinculada ao projeto de pesquisa “A diversidade como fio editorial em TRIP e TPM: reconhecimento do tempo e afirmações identitárias”, registrado na PROPP-UFOP e desenvolvido com fomento do CNPq (Bolsa PIBIC-AF).



**Figura 2:** Capa da edição temática sobre “Mãos” nº 266.

Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/index.php/revista/trip/268?page=2&t=1508252951>

**Figura 3:** Capa da edição temática sobre “Velhice” nº 171.

Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/revista/trip/171>

Com a pretensão de uma visão atenta às questões da diversidade, sendo engajada e vanguardista, ela se propõe a ser “um grupo capaz de interpretar o comportamento humano com sensibilidade aguçada, mergulhar na diversidade, antecipar movimentos, produzir reflexões e conexões originais e inovadoras, expressando-as de forma emocionante em todos os meios” (TRIP, 2015).

Esse discurso de visão diferenciada sobre as questões que envolvem a complexidade humana, é recorrente na *Trip* sobretudo em edições especiais de comemoração. É, principalmente nesses espaços onde a revista “fala de si”, a partir de conteúdos e escolhas do editor. Na edição 268, de agosto de 2017, comemorativa de 30 anos da *Trip*, a sessão “Baú” relembra as matérias e os personagens que de algum modo foram significativos para a história da revista.

Em outubro de 1990, para a edição #19 da revista, a Trip juntou três dos principais cartunistas do país - Angeli, Glauco e Laerte - para uma Páginas Negras especial. Na entrevista, os três mosqueteiros do desenho paulistano cutucaram de tudo um pouco com suas espadas, da política nacional (era o primeiro ano do governo de Fernando Collor de Mello) aos jovens jornalistas brasileiros, passando por suas colaborações (TRIP, 2017, p.32).

---

Ao fazer esse recorte, é como se a revista resgatasse uma memória do leitor para os feitos que ela produziu ao longo dos anos e com isso, criar uma memória coletiva fazendo com ele adote aquela narrativa como verdadeira. “Resgatar” uma memória pode ser uma importante estratégia mercadológica, pois quando se atualiza um fato do passado muitas questões podem ser ocultadas e outras realçadas, já que a memória possui um caráter flutuante e mutável.

De acordo com Halbwachs (1990), ela tem esse caráter mutável, porque a memória é um processo de reconstrução dos acontecimentos pessoais e do grupo ao qual estamos inseridos. Mesmo as lembranças mais particulares, como um o primeiro dia na escola, estão colocadas em um determinado contexto, tempo e espaço.

Assim, essas lembranças também se misturam com as das pessoas no mesmo convívio social. Dessa forma, “a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e conseqüentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho” (SILVA, 2016, p.248)

Essas memórias, coletivas e individuais, também se referem a processos identitários, pois as experiências e lembranças que possuímos nos ajudam a construir a imagem “de si” e para os outros. Pollack (1992), entende que a construção da identidade, assim como a da memória, possui uma dimensão individual e coletiva. De um lado estão os gostos pessoais, a formação moral e psicológica; e de outro, o sentimento de identificação com um grupo social a partir do que absorvemos dele, uma vez que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p.204).

Nesse sentido, se a memória e a identidade social dizem respeito de uma construção “de si” e do “outro”, elas estão sujeitas a disputas, concessões e negociações. Ainda segundo Pollak (1992), elas podem ser alvo de disputas de grupos sociais e políticos porque envolve interesses de ordem representativa, moral, financeira, cultural, econômica, entre outros. No entanto, não são só os grupos políticos e sociais que competem pela representação da memória, a mídia (sobretudo o jornalismo) também reivindica o controle da memória coletiva, já que ela detém, organiza e constrói sentidos aos acontecimentos podendo imprimir neles novos enquadramentos<sup>7</sup>, iluminando tempos e espaços específicos.

---

<sup>7</sup> Goffman define o enquadramento a partir do “princípio de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta



---

Conforme Henn (2006), ao dar determinado enfoque a uma notícia ou acontecimento, a mídia pauta nossa visão de mundo a partir do que ela expõe. Quando o jornalismo, por exemplo, decodifica informações, hierarquiza, inclui e exclui conteúdos segundo seus interesses, ele “participa ativamente da construção social da realidade” e se torna “um grande produtor de memória coletiva”. (HENN, 2006, p. 179)

Para criar uma memória coletiva, sobretudo do passado, o jornalismo recorre ao gancho para orientar uma matéria, discutir questões e atualizá-las.

O gancho, além de se vincular totalmente ao período da edição na qual se insere e dar a sensação de que a notícia é atual, também motiva ainda a construção do chamado lead, o parágrafo introdutório de uma unidade noticiosa. [...] Em qualquer parte do jornal existe a coerção de achar elementos de atualização para hierarquizar certos fatos (os “ganchos” jornalísticos) que construam uma ponte com o cotidiano, com algo que o leitor sinta que “está acontecendo”, que é atual. (HERNANDES, 2005, p.76, *apud* CARVALHO, p. 4).

Além de atualizar um acontecimento, o gancho jornalístico precisa ir ao encontro da compreensão e interesse do leitor. Assim, uma revista como *Trip*, ao delimitar temas norteadores de suas publicações busca suprir as expectativas do perfil de seu leitor, pois as matérias só terão empatia se os leitores se reconhecerem naquele discurso. Mais que isso, ao escolher uma edição com a temática da “memória”, a publicação explícita em suas páginas algo presente não apenas em seu contrato cotidiano de comunicação – o jogo entre a representação de si mesma e dos tempos sociais –, como também convoca seu público a reconhecer não apenas conteúdos, mas também uma forma de fazer jornalismo.

### 3. “VOCÊ SE LEMBRA DE QUÊ?”

É essa a pergunta que estampa o título do editorial da revista *Trip* nº 172, de novembro de 2008. As primeiras frases do editor-chefe são um convite para pensarmos no que havia acontecido há alguns meses em nossas vidas e uma indagação: “Do que vamos nos lembrar no futuro quando pensarmos em setembro, outubro e novembro de 2008?” (TRIP, 2008, p. 28). Essas frases iniciais já suscitam ao leitor, ao mesmo tempo, um exercício de volta ao passado e uma projeção do futuro, propondo uma construção de memória.

No corpo do editorial esse convite à uma retrospectiva de 2008 continua, porém reduzindo a ‘liberdade’ da pergunta do título. Agora, o olhar do leitor é direcionado para os

---

é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência” (GOFFMAN, 2006, p. 111, grifos do autor).

acontecimentos nacionais, internacionais e da revista julgados como os mais marcantes do ano: A crise econômica e financeira mundial, a ascensão de Barack Obama nos EUA, o ensaio de Vera Barreto realizado pela *Trip* e o sequestro de Eloá.

Ainda no editorial, o texto diz que a memória pode trazer angústia ou conforto, e que eles apostam na segunda opção para a edição 172, mas sem ser um refúgio nostálgico e sim como algo vivo e presente no mundo. Assim, ao propor uma edição voltada para a memória, sem estar presa ao passado e incitar uma projeção de futuro baseado no presente, a revista faz dois movimentos: constrói uma memória de passado, já que ela delimita os temas mais “importantes” para serem lembrados, e suscita uma previsão de futuro baseado na sua referência e visão de presente, dando aos tempos sociais um gancho jornalístico.

Mais adiante no conteúdo da revista, a *Trip* explica que o tema ao qual a revista se propõe, “conexão”, não se limitará a superficialidade e que nos guiará na empreitada de fazer com que nós queiramos tocar o intocável e sentir o que não é óbvio. Para isso, ele aponta que a memória foi escolhida porque “ela é uma zona de limite entre o concreto e o abstrato. De fato a memória não é necessariamente a verdade, mas um casamento entre o que de fato foi e aquilo que gostaríamos que tivesse sido” (TRIP, 2008, p. 111).

A sessão chamada “Salada” reúne textos escritos por pessoas diferentes e que tratam dos mais variados assuntos. O primeiro texto faz uma pergunta oposta à do editorial: “O que você gostaria de esquecer?” (p. 44); agora a resposta não é mais direcionada ao leitor, mas sim a pessoas famosas. Muitas delas respondem coisas que foram tristes em suas vidas e, apenas uma, a produtora de marketing Adriana Penna, responde que não gostaria de esquecer nada.

Esse jogo entre lembrança e esquecimento tem grande importância na construção de uma memória coletiva, pois esquecer algo é também um posicionamento. A memória é algo que nos afeta, pessoal ou coletivamente, e se não temos essa consciência do passado é como se ele nunca tivesse existido. Desse modo,

A memória coletiva se constrói, então, como uma massa formada por lembranças comuns. As lembranças, mesmo as mais pessoais, são transformadas pelas nossas relações com os outros, através dos diversos meios de socialização. É por isso que os acontecimentos e ações que temos mais facilidade em lembrar são aqueles de domínio comum, dos quais podemos nos lembrar em conjunto (FRANÇA, 2011, p. 77).

Por isso, a disputa pela narrativa de um acontecimento não se dá tão pacificamente, uma vez que os grupos interessados vão reivindicar os códigos que acionam a memória daquele passado. Um exemplo de disputa pela representação desses códigos é o impeachment da ex-



presidente Dilma Rousseff, em 2016, pois existem grupos que denominam como ‘Golpe’ e outros que não reconhecem essa nomenclatura; outro exemplo seria rompimento da barragem da Samarco em Mariana, em novembro de 2015, porque também se tem uma nomenclatura consensual, alguns chamam de “acidente”, “catástrofe” ou “tragédia”.

Portanto, tudo o que se refere a um passado é passível de disputas e negociações, pois uma trilha sonora, o nome que recebe, um personagem ou um espaço é essencial para a forma com que vamos nos lembrar de um acontecimento. A mídia tenta criar uma memória coletiva de acordo com os interesses dela, visto que

Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente O passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p. 9).

Essa tomada de posição através da nomenclatura fica evidente na matéria intitulada “Almanaque 2000”, onde *Trip* reúne um compilado de acontecimentos marcantes nos oito anos do século XXI: a queda da audiência das novelas, surgimento de novas bandas, o início das redes sociais, filmes e séries de sucesso (ou fracasso), entre outros. Em uma outra parte da matéria, denominada “Fim dos tempos” a revista mostra o que de “pior” estava em alta, como as mulheres frutas e as celebridades de filmes pornô. Isso revela uma posição da *Trip* sobre como ela cria uma imagem negativa sobre esses artistas, direcionando seu leitor a se lembrar também de forma negativa dessa época (TRIP, 2008, p.149).

Assim, usando o humor como estratégia para recuperar esses fatos, ela define o que é bom ou ruim e se usa como referência para falar do assunto. “Se estivéssemos 10 ou 20 anos no futuro, o que lembraríamos da atual década? Quais seriam os programas de TV, bandas, filmes, gadgets, roupas e comidas do presente que ficariam guardadas na memória? Fizemos nossas apostas. Mais uma vez, a *Trip* deu antes...” (TRIP, 2008, p. 147).

Esse acionamento da memória pela revista, já direcionando para uma opinião, faz com que *Trip* pegue as lembranças comuns do grupo social do seu público e imprima sua visão daquela década. Assim, ela cria em cada um deles uma memória aparentemente individual, mas que na verdade é baseado no que ela adota como verdadeiro.

Diríamos que voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista, muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa

---

diversidade, voltamos sempre a uma combinação que influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Apesar de o editorial afirmar que não era intenção mostrar uma memória nostálgica, isso ocorre em matérias como “Caixa de Memórias”. É um relato da filha do fotógrafo amador Alberto Bahiana sobre os registros fotográficos de seu pai feitos no Rio de Janeiro da década de 30. Por diversas vezes, o passado era mostrado como um lugar de conforto e as imagens que ilustram a matéria revela um Rio mais glamuroso que é hoje. Isso fica evidente quando Ana Maria Bahiana conta sobre a vida que seu pai levava “havia as domingueiras no Copacabana Pallace, os chás na Colombo, os banguê-banguê na Cinelândia, mas paixão mesmo era a máquina de fazer memória.” (TRIP, 2008, p. 133).

Mostrar com nostalgia um passado não experienciando por seus leitores revela que *Trip* cria uma memória de passado onde era melhor para se viver. Barbosa (2017), referindo-se à relação entre passado-presente-futuro, afirma que o passado é constantemente reproduzido pelos meios de comunicação como um “supra-sumo no qual se sobressai um valor de verdade” e como um lugar de conforto.

Daí o uso das múltiplas referências ao passado: ao passado transformado em Nação em torno de um discurso comum, inclusive do ponto de vista de uma memória histórica partilhada; ao passado de sua própria história; e ao passado como utopia midiática reconstruindo de maneira idílica os tempos de outrora. A multiplicação das marcas escriturárias do passado – as roupas, os utensílios, os adereços, as paisagens etc. – nas produções ficcionais da televisão é exemplo dessa apropriação narrativa. Constroem, enfim, passagens imagéticas em direção ao tempo pretérito. Mas não um passado qualquer, e sim o passado verdadeiro (BARBOSA, 2017, p. 24).

Assim, ao representar um passado não vivido, a revista, cria um imaginário em seus leitores de que ele foi bom. Ela instaura uma memória coletiva e uma identificação com seu público, a partir do passado que ela rememora/cria e a forma como atualiza as questões, de acordo com seus preceitos e posição mercadológicas.

As demais matérias rememoram histórias de vida de algumas pessoas, com uma frente nostálgica, como em “Ei, catatau”, “Príncipe da decadência” e “Bicho solto”. Essas matérias possuem em comum, além de contar a vida de surfistas (dois brasileiros e um americano) com um certo grau de sucesso, também colocam o passado como um lugar de glória e excentricidade. Em “Príncipe da decadência”, por exemplo, onde há uma entrevista póstuma do surfista americano Bunker Spreckles cedida à *Trip*. Ele é definido pelo repórter da matéria como o “o surfista que melhor encarnou o espírito de excesso dos anos 70” (p. 112) e durante

---

o texto seus excessos são rememorados como se fossem apenas delírios de uma época onde tudo podia ser feito.

A única matéria que vai na contramão da glamourização do passado é a “O passado nos condena”, onde se mostra alguns museus com exposições não convencionais pelo mundo. Nele, o subtítulo sugere uma visão negativa sobre eles e sobre as memórias que vamos criar desses museus no futuro “nosso repórter excepcional visitou alguns dos museus mais bizarros do mundo e ficou embasbacado com o que eles vão preservar da memória da humanidade para o futuro: falos gigantes de baleias, múmias em agonia, ciclopes engarrafados e chapéus com papel higiênico” (TRIP, 2008, p. 141).

Mais do que criar uma memória do passado como se ele fosse bom a *Trip* também faz movimentos que sugerem uma memória de futuro baseado no que ela considera “bom” ou “ruim” no presente. Vale ressaltar que as matérias que falam do passado como nostalgia são a maioria esmagadora da edição temática sobre a memória e que as que falam de um passado “ruim” e que teme a criação de memórias “bizarras”, de acordo com que a revista sugere, são poucas e estão próximas umas das outras.

Assim, a disposição das reportagens faz com que o leitor tenha uma visão geral de que a edição é uma lembrança de um passado bom e nostálgico e que as poucas matérias que mostram um passado diferente são rapidamente esquecidas. Dessa maneira, *Trip* não explora muito a memória como campo problemático ou com nuances mais diversas, ela instaura uma memória coletiva sobre a própria ideia de memória, sendo este “tema” um lugar de refúgio e conforto.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*Trip*, ao produzir uma edição temática sobre a memória, constrói uma visão de passado-presente-futuro que visa criar um sentimento de identificação e imaginário sobre essa temática. A memória, na perspectiva da revista, se torna um espaço onde os acontecimentos da vida podem ser condensados e ressignificados no presente. Para demonstrar isso, discursivamente ela busca a si mesma como uma referência do passado e constrói uma opinião no presente sobre esse passado, como na matéria “Almanaque 2000”, onde ela afirma o que foi “bom” e “ruim” na década.

---

É preciso salientar que só lembrar o passado não é suficiente para que se crie uma memória coletiva, é preciso fazer com que o público alvo reconheça que aquele acontecimento fez parte do grupo social dele. Para Halbwachs:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39 *apud* SILVA, 2016, p. 250).

Por isso *Trip* evidencia na edição os fatos gerais mais marcantes, como o as tecnologias da década de 2000, e fatos mais individuais, como quando ela suscita uma reflexão sobre como vamos nos lembrar daquela época depois de alguns anos. Dessa maneira, ela mescla a memória individual com a coletiva, a qual a revista está construindo ao longo da edição temática.

O gancho jornalístico aparece como uma forma de atualização e de atender às expectativas do leitor, pois ao colocar o que de “bom” e de “ruim” marcou os anos 2000 em “almanaque 2000” a revista explora o recurso do humor, já que a revista possui um público jovem, para dizer da memória. As matérias sobre os surfistas também foi um recurso usado para atender aos interesses dos leitores, um vez que *Trip* é uma revista que valoriza o surf desde sua criação. Dessa maneira, ao usar a memória como gancho sem deixar de reconhecer e perder de vista os interesses do leitor é fundamental para que o gancho funcione bem, pois isso reforça a fidelidade com o público e confere maior credibilidade no discurso.

Ao pautar os acontecimentos dignos de serem lembrados, a revista organiza e direciona as experiências de seus leitores, como em “o melhor e o pior da música”, enquadrando suas percepções e memórias. *Trip* mostra o passado por dois caminhos: em algumas matérias ela mostra de forma humorada um passado com fatos “bizarros” e por outros ela revela um passado glamouroso e nostálgico.

Trabalhar as temporalidades nessa edição de memória, trouxe para *Trip* um modo como indicar para quem ela fala, seus preceitos editoriais e suas lógicas de mercado. Assim, para se construir uma memória coletiva também são necessárias as memórias do Outro. Para conseguir instaurar uma memória hegemônica *Trip* imprime discursivamente em suas matérias as atualizações e ressignificações convenientes a ela, mas em um contexto histórico e social que seu público tenha alguma identificação

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. **Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações.** In: Christina Ferraz Musse; Herom Vargas; Marcos Nicolau. (Org.). Comunicação, mídias e temporalidades. 1ed.Salvador: EdUFBA, 2017, v. 1, p. 19-36. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22861/3/Comunica%C3%A>

BUENO, Thaísa; REINO, Lucas Santiago Arraes. **Onde está o gancho? a difícil tarefa de hierarquizar informações.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife - PE – 14 a 16/06/2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0748-1.pdf>

CARVALHO, Carlos Alberto De. **O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0206-1.pdf>

FRANÇA, Renné Oliveira. **Memória eletrônica: a mnemotécnica da retrospectiva de final de ano. Ciência e cognição,** Rio de Janeiro, v. vol.16, n.1, 2011. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/359/474>

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: los marcos de la experiencia.* Madri: Siglo XXI, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, editora revista dos tribunais, 1990

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HERNANDES, Newton. **Semiótica dos jornais – análise do Jornal Nacional, Folha de São Paulo, Jornal da CBNM, Portal UOL, revista Veja.** Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor, 2005.

HENN, R. C.. **Direito à memória na semiosfera midiaticizada.** Revista Fronteira (UNISINOS), v. VIII, p. 177-184, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6132/3307>

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n 10, 1992, p.200 - 212.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 1-15, 1989.

QUÉRÉ, L. (2005) **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento.** Lisboa, *Trajectos*, 6

SILVA, Giuslane Francisca. **A memória coletiva de Halbwachs.** Da.Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.180-193, dez. 2009.

---

TAVARES, Frederico M.B; PRADO, Denise F.B. do. **Trip no tempo: nostalgia e memória numa edição “retrô”**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro (RJ). Anais Eletrônicos. 2015.

TRIP. Rio de Janeiro: Editora Trip. Ano 31, ed.268. 2017

TRIP. Rio de Janeiro: Trip Editora, sem ano ed. 172, 2008. Disponível em:[https://books.google.com.br/books?id=ImIEAAAAMBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=ImIEAAAAMBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

<https://revistatrip.uol.com.br/>

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-memoria-e-uma-ilha-de-edicao>